

APRESENTAÇÃO

Embora muitas das áreas de conhecimento que acabaram por se reunir sob a expressão “ciências humanas” possuam antecedentes por vezes milenares e tenham, muito mais tarde, sofrido uma profunda transformação com a expansão ocidental no mundo, sua consolidação como o que hoje se entende por ciência se deu, sobretudo, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Um dos processos históricos mais relevantes desse período foi, sem dúvida, a interiorização da colonização europeia em territórios africanos e asiáticos, contando, muitas vezes, com o suporte de tais ciências, cooptadas pelo colonialismo. Tampouco a literatura se viu livre de tais vínculos, estabelecendo com frequência relações de interdependência com as estruturas coloniais de poder. Ao longo do século XX, contudo, especialmente a partir dos processos de descolonização do pós II Guerra Mundial, dissensões críticas se mostraram cada vez mais frequentes, tanto no âmbito das literaturas e dos estudos literários quanto no de cada uma das ciências humanas, resultando em transformações estéticas e epistemológicas profundas. Tanto na cooptação colonial quanto na resistência anticolonial, o fazer literário se construiu em constante diálogo com as ciências humanas. Com base nesse traçado, os organizadores do presente dossiê solicitaram a submissão de artigos que discutissem as relações entre a literatura e as ciências humanas em contextos coloniais e pós-coloniais. É com grande prazer que apresentamos agora os resultados desta empreitada, com ensaios sobre a literatura produzida em contextos como Moçambique, Angola, Brasil, Portugal e Macau.

Com o apoio da teoria pós-colonial e de sua já conhecida inclinação para o encontro de disciplinas, **Maria Perla Araújo Morais** e **Frederico José Andries Lopes** analisam os contos “Entrada no céu”, do moçambicano Mia Couto, e “Solar dos Príncipes”, do brasileiro Marcelino Freire, localizando dinâmicas sociais muito afins a ambientes coloniais (africanos) e pós-coloniais (latino-americanos). Partindo também de uma narrativa de Mia Couto e de uma metodologia de natureza interdisciplinar, **José Welton Ferreira dos Santos Júnior** e **Rejane Vecchia da Rocha e Silva** mostram

como a representação da doença e da cura no romance *Venenos de Deus, Remédios do Diabo* aponta para cosmovisões alternativas àquelas que se cristalizaram no saber ocidental. **Vincenzo Cammarata**, por sua vez, examina as estratégias linguísticas e literárias a que recorre a angolana Ana Paula Tavares, na crônica “O cesto de adivinhação”, para nela inscrever o espiritualismo de origem bantu, assim como as tensões ideológicas e as contradições que abriga a contemporaneidade nacional. Já **Adilson Fernando Franzin** analisa as formas de entrelaçamento entre ficção e discurso historiográfico em *Choriro*, de Ungulani Ba Ka Khosa. Para Franzin, o escritor moçambicano preenche, a partir de procedimentos que são caros ao seu projeto literário, uma série de espaços deixados em aberto pela historiografia clássica, de ontem e de hoje. **Francisca Marciely Alves Dantas** e **Maria Elvira Brito Campos**, por seu turno, privilegiam as relações entre literatura e geografia para refletir sobre *A cidade de Ulisses*, da portuguesa Teolinda Gersão. O espaço é estudado aqui pelo ângulo fenomenológico, o mais apto, segundo as autoras, para revelar a singularidade da experiência do sujeito e do mundo que o rodeia. Cristian de Oliveira Lopes e Debora Pereira Simões, numa visada comparatista e a partir de um repertório teórico que mobiliza os estudos culturais e a fenomenologia, discorrem sobre o conceito de “margem” e sua configuração literária nos contos “A outra margem”, de Luciano Serafim, e “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa. Situando a reflexão em torno das confluências entre literatura e antropologia nas obras *Os papéis do inglês*, do angolano Ruy Duarte de Carvalho, e *Nove noites*, do brasileiro Bernardo Carvalho, **Juliana Campos Alvernaz** e **Anita Martins Rodrigues de Moraes** procuram demonstrar como a etnografia é objeto de um duplo e paradoxal processo de inclusão e exclusão: ao mesmo tempo que irrompe, ela é negada ou boicotada de diferentes formas nas duas narrativas. Depois de discutirem as noções de autoctonia e universalismo na filosofia africana, **Christian Fischgold** e **Vanessa Rimbau Pinheiro** estabelecem um diálogo entre a produção de Ruy Duarte de Carvalho, em particular os textos “Tempo de ouvir o *outro* enquanto o ‘outro’ ainda existe, antes que haja só o ‘outro’... ou pré-Manifesto Neo-Animista” e “Decálogo Neo-Animista”, e a de alguns intelectuais que refletiram sobre realidades epistemológicas vizinhas. **Fernanda Gallo**, em seu artigo sobre o romance *Crônica da Rua 513.2*, de João Paulo Borges Coelho, retoma o debate sobre as pontes entre história e ficção para confirmar o modo como o autor moçambicano incide nas contradições da nova ordem política. **Fernando Ulisses Mendonça Serafim**, por sua vez, analisa a propensão para o contato de saberes na obra de Luís Gonzaga Gomes. A capacidade de transitar por diversas formas de conhecimento permite a Gomes aprofundar o estudo da mitologia em suas narrativas, elemento que, segundo Serafim, estrutura a identidade macaense. Colocando em comunicação vozes teóricas do pós-estruturalismo e da teoria *queer* para analisar o romance *Trans Iberic Love*, da portuguesa Raquel Freire, **Marcelo Branquinho Massucatto Resende** levanta alguns problemas da atual conjuntura LGBTQ+ e de sua complexa inserção em um contexto de

neoliberalismo econômico e desnacionalização literária. **Franciane Conceição da Silva**, em seu estudo sobre o conto “Stress”, da moçambicana Lília Momplé, defende que as personagens, em consequência do quadro de violência gerado pela guerra civil de Moçambique, são representadas simultaneamente como vítimas e algozes. **Tháise Santana e Sirlei Santos Dudalski**, com o auxílio dos estudos pós-coloniais, discorrem também sobre os laços entre literatura e história para sondar algumas estratégias formais e temáticas encenadas por Mia Couto no romance *O último voo do flamingo*. **Renata Vaz Shimbo**, valendo-se de uma rica associação entre performance textual e corporeidade feminina, destaca a diversidade da geografia moçambicana ao analisar o caráter subversivo da dança *niketche* no romance homônimo de Paulina Chiziane. Ainda sobre Moçambique, **Daniela de Brito** investiga as formas como os romances *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, *O outro pé da sereia* e *A varanda do frangipani*, de Mia Couto, repensam as várias faces da identidade nacional, assim como a instrumentalização das diferenças levada a cabo pelos grupos dominantes.

Júlio Machado
Nazir Can
(Organizadores)